

DESAFIOS E POTENCIALIDADES DA GEOGRAFIA CULTURAL
NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA
E PROPOSITIVA

*CHALLENGES AND POTENTIALITIES OF THE CULTURAL
GEOGRAPHY AT EDUCATIONAL SPACES: A REFLEXIVE AND
PROPOSITIONAL APPROACH*

*DÉFIS ET DU POTENTIEL DE LA GÉOGRAPHIE DES ESPACES
CULTURELS DANS L'ÉDUCATION: UNE APPROCHE ET DES
OBJECTIFS REFLEX*

Janio Roque Barros de Castro

Licenciado e especialista em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestre em Geografia e Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. Professor de Prática de ensino e Estágio Supervisionado em Geografia na da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus V – Santo Antônio de Jesus. Rua Izidio Florentino dos Santos, s/nº, bairro Portão
Governador Mangabeira – Ba CEP: 44.350 - 000.
E-mail: janiocastro@bol.com.br

Resumo

A partir sobretudo dos anos 1990, tem se notado um expressivo crescimento de pesquisas e estudos relacionados à Geografia Cultural e suas múltiplas abordagens. Dentre as temáticas que podem ser trabalhadas sob o enfoque cultural da Geografia podem-se citar as religiões, as festas populares e a diversidade de povos do planeta. No presente trabalho objetiva-se fazer uma análise reflexiva acerca das diversas potencialidades dessa área do saber, nos espaços educacionais dos ciclos fundamental e

médio, assim como propor caminhos para construção de uma prática pedagógica crítica, considerando-se as contribuições da Geografia Cultural.

Palavras-chave: Geografia cultural; ensino de Geografia; músicas; filmes.

Abstract

Since the 1990s especially we've seen an expressive growth of researches related to Cultural Geography and its varied fields. Among many themes that can be studied from a cultural point of view in Geography we shall mention religions, popular festivities, and the diversity of people on the planet. In this paper some proposals are made, considering the potential of the Cultural Geography to contribute to the comprehension of pedagogic practices in junior and high schools.

Key-words: Cultural Geography; teaching of Geography; songs; movies.

Résumé

C'est surtout à partir des années 1990 qu'on a pu observer une nette croissance des recherches et des études liées à la Géographie Culturelle et ses nombreux abordages. Parmi les thèmes qui peuvent être abordés du point de vue culturel de la Géographie, on peut citer les religions, les fêtes populaires et la diversité des peuples de la planète. On se propose de faire, dans cette étude, une analyse réflexive des divers potentiels offerts par ce domaine du savoir, dans les espaces éducationnels des cours primaires et moyens ainsi que d'élaborer des trajectoires pour la construction d'une pratique pédagogique critique qui prend en compte les apports de la Géographie Culturelle.

Mots clefs : Géographie Culturelle ; enseignement de la Géographie ; musiques ; films.

Introdução

Atualmente tem se notado um resgate de várias questões da Geografia cultural, como a identidade, o simbolismo e as religiões. A análise do papel das religiões e dos eventos festivos como produtores / organizadores de espaços tem sido valorizados nos últimos anos no Brasil. O rico e diversificado patrimônio cultural brasileiro no qual se verifica práticas recriadas pelo povo ao longo do tempo pode ser utilizado pelo professor de Geografia nos espaços educacionais, notadamente através de atividades transdisciplinares. Através de programas de TV em canais abertos e fechados apresentam-se diferentes formas de manifestações culturais como danças, festas do catolicismo popular, festas e danças indígenas, negras, ou de origem européias que se constituem em projeções imagéticas que denunciam de forma inequívoca a grande diversidade cultural

do país, nas mais variadas formas de manifestações. Muitos desses eventos culturais podem ser analisados sob a ótica da Geografia Cultural.

Notadamente, a partir dos anos 1990, as pesquisas ligadas à Geografia Cultural intensificaram-se no Brasil. Na atualidade, nota-se no entanto que nos espaços educacionais do ensino básico falta uma maior valorização, é uma maior consistência metodológica para as abordagens da vertente cultural da Geografia. No presente trabalho, pretende-se pontuar e analisar algumas questões atinentes às múltiplas potencialidades e as eventuais dificuldades e fragilidades da Geografia cultural no processo educacional nos ciclos Fundamental e Médio. O artigo foi elaborado a partir de entrevistas informais e da observação da prática pedagógica de alguns professores de Geografia da rede pública de ensino da cidade de Santo Antônio de Jesus na Bahia e de discussões na disciplina estágio Supervisionado em Geografia no campus V da Universidade do estado da Bahia na referida cidade.

A Geografia cultural: uma apreciação preliminar

A Geografia Cultural tradicional se difundiu sobretudo a partir dos estudos clássicos de Carl Sauer na Escola de Berkeley nos Estados Unidos, que apresentavam uma forte influência historicista. Segundo Roberto Lobato Corrêa, esta corrente do pensamento geográfico se estendeu até os anos 1970 e priorizava o passado em detrimento dos estudos acerca das sociedades urbano-industriais do presente. Apesar de sua importante contribuição, a Escola de Berkeley foi alvo de duras críticas feitas por geógrafos como James Duncan que questionava a concepção supra-orgânica de cultura da escola Saueriana.

A partir dos anos 1970 a Geografia cultural alarga e aprofunda o seu campo de análise como lembra Paul Claval, abrindo assim novas perspectivas para o papel das técnicas e para leitura do espaço geográfico tanto do ponto de vista da materialidade quanto dos elementos intangíveis do espaço. Claval destaca que:

O enfoque cultural se recusa a considerar a natureza, a sociedade, a cultura, o espaço como realidades prontas, dados que imporiam aos homens como do exterior. Julga que o mundo é mais complexo. Para mostrá-lo, parte dos indivíduos e se debruça nas suas experiências. O

que lhe importa é compreender o sentido que as pessoas dão a sua existência. (CLAVAL, 2002, P. 37)

Para Claval o objetivo da Geografia Cultural é compreender como as pessoas vivem sobre a terra e experienciam os seus espaços de vivência em diferentes partes do planeta. Segundo Corrêa (2003), a Geografia Cultural não se define por temáticas específicas e sim pelas suas abordagens. Para se empreender análise geográfica acerca da dinâmica sócio-cultural do Brasil, por exemplo, pode-se estudar as festividades, as atividades turísticas, as danças, as músicas, as obras literárias, entre outras. As abordagens da Geografia Cultural permitem uma leitura nas escalas global, nacional, regional e local. A Geografia na Escola tem o papel de empreender uma análise do espaço geográfico em suas diversas escalas, porque os povos do planeta apresentam diferenciadas formas de organizarem seus espaços de trabalho, lazer, moradia, evidenciando assim a grande diversidade cultural em escala macro. As formas como os africanos, indianos, chineses, entre outros povos, organizam culturalmente o espaço merecem uma abordagem relativizadora. Como manifestações culturais em escala planetária podem ser trabalhadas na sala de aula pelos professores de Geografia nos ciclos Fundamental e Médio? Questões como estas serão analisadas no presente trabalho.

A análise das várias práticas sociais e culturais de diferentes povos em uma perspectiva relativizadora pode ser elaborada nos espaços educacionais através dos recursos informacionais e comunicacionais da atualidade. O uso de documentários, reportagens, internet e filmes podem se constituir em um importante instrumento para se trabalhar com as abordagens da Geografia cultural nos espaços educacionais.

Geografia cultural na TV: Filmes e ensino de Geografia

Dentre as várias possibilidades metodológicas para o enfoque cultural no ensino da Geografia na escola básica, os filmes e documentários destacam-se pelo fascínio imagético que despertam nos alunos. Vários filmes nacionais e estrangeiros podem ser utilizados no ensino da Geografia. Pretende-se citar apenas alguns e se fazer algumas considerações acerca das possibilidades do seu uso nas aulas de Geografia, a partir da

valorização de aspectos culturais em diferentes partes do planeta e no território brasileiro.

Um exemplo de filme que pode ser utilizado em sala de aula é Orfeu¹, que mostra o cotidiano de uma área de favela no Rio de Janeiro envolta em questões como violência, tráfico de drogas e problemas sociais. Neste filme pode-se explorar tanto de problemas sociais urbanos muito debatidos, como segregação sócio-espacial, favelização, marginalidade social, quanto questões atinentes à esfera cultural, como o papel das comunidades negras dos morros na organização do carnaval / espetáculo das escolas de samba do Rio de Janeiro Os moradores de bairros periféricos, no carnaval, apropriam-se momentaneamente da avenida festiva e para lá levam seus sonhos, desejos e problemas através dos adereços dos carros alegóricos, das fantasias e das letras dos sambas-enredo. Outra questão que pode ser destacada no referido filme é a auto-estima elevada de Orfeu, negro que protagoniza a trama, aparece como líder comunitário e artista respeitado contrapondo-se à grande maioria das situações em novelas quando os negros aparecem interpretando apenas personagens de pouco prestígio e até depreciativos. Apesar de ser interessante o filme Orfeu é pouco utilizado pelos professores de Geografia da rede estadual de ensino da Bahia.

Dentre os vários filmes estrangeiros, Armagedon é um dos mais utilizados por professores de Geografia do nível básico, segundo professores da rede estadual de ensino da cidade de Santo Antônio de Jesus. O filme enfoca possibilidade de um grande asteróide colidir com a terra e permite analisar criticamente a excessiva apologia aos Estados Unidos como xerifes do mundo, prática recorrente nos filmes americanos. A partir desse viés geopolítico pode-se fazer correlações com a hegemonia da cultura americana verificada no nosso vernáculo cotidiano (*shopping center, self service, stress, check up...*) e a super valorização do assunto Estados Unidos da América na escola; às vezes dedica-se um unidade inteira ao estudo desse país. Americanização cultural não consta no filme, mas a sua leitura crítica pode ser despertada pelo professor de Geografia. Outro filme conhecido e muito utilizado por professores de Geografia da

¹ No filme Orfeu o ator Toni Garrido interpreta o papel de Orfeu, um compositor de escola de samba muito popular que se apaixona por Eurídice (Patrícia França) uma migrante recém chegada em uma área de favela dominada pelo tráfico de drogas.

referida cidade é o Inferno de Dante², que trata da erupção de um vulcão em uma área habitada. Pode-se explorar nessa trama a relação entre a materialidade edificada pela ação antrópica (cidade) e a vulnerabilidade do homem diante de eventos catastróficos da natureza, como o vulcanismo ativo (diferente da dependência do homem em relação à natureza como argüiram os defensores do determinismo geográfico). Sob o viés cultural, pode-se citar as diferentes leituras dos diferentes povos em relação à natureza, suas formas e fenômenos. Eliade (1992) destaca que para o homem religioso a Natureza nunca é exclusivamente natural: está sempre carregada de um valor religioso. O geógrafo chinês Yi-Fu-Tuan usa a expressão geografias míticas para se referir a capacidade das pessoas de imaginar o que tem em outros lugares, como por trás de uma cadeia montanhosa, por exemplo.

O significado de uma atividade vulcânica para os vários povos do planeta é diferente porque as pessoas são diferentes. Não se pode analisar o espaço geográfico a partir tão somente do viés eurocêntrico. Para alguns povos africanos, os vulcões podem representar a morada de Deuses e a sua erupção pode ser um sinal da sua força ou mesmo fúria. Esta perspectiva mítica daquilo que Paul Claval chamou da topografia do sagrado é pouco ou quase nunca trabalhada ou mesmo citada em salas de aula. O professor de Geografia pode analisar aspectos geológicos (vulcanismo ativo, dinâmica do magma, abalos sísmicos) do ponto de vista do impacto desses processos no espaço produzido pela ação humana bem como a relação entre o arranjo geomorfológico daquela região e a inserção da cidade de Dante naquele contexto espacial ou mesmo as formas como o homem utiliza os solos formados a partir de grandes derrames vulcânicos, como no caso do sul do Brasil. Aliás, as correlações com o espaço brasileiro em filmes que não mostrem o Brasil são muito importantes. O trabalho com os assuntos anteriormente arrolados não inviabiliza de forma nenhuma a leitura cultural, pelo contrário, a enriquece. Como lembra o professor Roberto Lobato Corrêa, não existe temáticas específicas da Geografia Cultural; o que existe na verdade são abordagens da vertente cultural da Ciência Geográfica que podem tranquilamente serem dimensionadas metodologicamente para espaços educacionais nos ciclos Fundamental e Médio.

² O filme Inferno de Dante foi lançado nos Estados Unidos em 1997. No filme, o geólogo Harry Dalton (Pierce Brosnan) que chega a pequena cidade de Dante para avaliar as possibilidades de erupção de um vulcão a muito tempo inativo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, um dos objetivos do ensino Fundamental é:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. PCNs, 1998.

É importante ressaltar que há várias iniciativas exitosas e produtivas em termos de aplicabilidade de elementos da Geografia cultural na escola básica, no entanto é relevante também se questionar abordagens, metodologia e seleção de temáticas. Por que deve-se analisar o mundo a partir tão somente das lentes eurocêntricas e / ou estadunidenses? Não se prega aqui de forma alguma um falso “puritanismo cultural” que não caberia num mundo articulado midiaticamente com intenso fluxo de pessoas se comunicando, recebendo informações e se deslocando. A escola, entretanto, não deve ser uma legitimadora da dominação de poucas instituições ou empresas que enviam para todas as partes do mundo produtos, estilos e práticas culturais que se sobrepõem hegemonicamente às manifestações culturais locais e regionais, a partir de um viés mercantil e sob uma perspectiva de efemeridade, artificialismo ou mesmo unicidade de pensamento como pontuou o professor Milton Santos. Muitas vezes a apresentação de aspectos dos cultos candomblecistas de matriz afro-brasileiro ou de rituais festivos indígenas são motivos de chacota nas escolas, enquanto que o desfile mostrando as epopéias dos colonizadores europeus e festas católicas são encaradas com muito respeito e admiração. Em muitos casos, algumas manifestações dos cultos afro-brasileiros são consideradas práticas de feitiçaria, no entanto, na mesma escola, os estudantes organizam as festas do dia das bruxas (*halloween*). Faz-se apologia a aspectos da cultura estadunidense e despreza-se aspectos da cultura africana ou de matriz indígena. O professor de Geografia pode até trabalhar a festa do dia das bruxas em parceria pluridisciplinar com os professores de Inglês e História por exemplo; o que não se pode conceber é a estreiteza parcialidade metodológica de alguns docentes que só mostram a cultura americana que já é imposta diuturnamente nas telas de TV nos filmes hollywoodianos. O que alguns professores devem entender é que não é só nos

Estados Unidos e na Inglaterra que se fala inglês; a Jamaica, país situado na América Central do famoso Bob Marley, é um país no qual se ferve a cultura negra, notadamente o *reggae*. O povo e suas práticas religiosas recriam a cultura a cada dia, no entanto o processo de mercantilização e espetacularização dessa cultura através da indústria cultural ainda persiste. Sobre esta questão Baudrillard salienta que:

Diz-se que o grande empreendimento do Ocidente é a mercantilização do mundo, de tudo entregar ao destino mercadoria. Parece, porém, que foi a estetização do mundo, sua encenação cosmopolita, sua transformação em imagens, sua organização semiológica. Estamos assistindo, além do materialismo mercantil, a uma semi-urgência de cada coisa através da publicidade, da mídia, das imagens. Até o mais marginal, o mais banal, o mais obscuro estetiza-se, culturaliza-se. Tudo é dito, tudo exprime, tudo toma força ou modo de signo. O sistema funciona não tanto pela mais-valia da mercadoria mas pela mais-valia estética do signo. (Baudrillard, 1990, p. 23).

Nesse contexto de difusão midiática massiva, para atender a interesses consumistas, nota-se que as manifestações culturais locais, comunitárias, cada vez mais perdem visibilidade e espaço. Como pontuou o professor Milton Santos, são poucas as empresas no mundo que filtram ideologicamente as informações, moldam imagens e informações hegemonicamente atendendo a interesses estadunidenses e eurocêntricos. Toda essa atmosfera de parcialidade midiática afeta de forma contundente a questão cultural. O professor de Geografia deve ser um crítico dessa situação e não andar a reboque da mídia. Deve-se tentar ler nas entrelinhas dos filmes aspectos geopolíticos e culturais velados. A análise fílmica deve ser feita através de provocações como pontuou-se anteriormente, que são relevantes, produtivas e se evitar resumos e roteiros mecânicos.

O professor de Geografia pode utilizar documentários sobre diferentes países e povos do planeta. A China, por exemplo, apresenta um grande caleidoscópio cultural verificado tanto na materialidade (casas, cidades, edificações) como nas práticas do povo chinês. O professor deve ficar atento para não fazer uma leitura dos diferentes povos do planeta a partir de uma visão de safári, promovendo-se uma espetacularização midiática da natureza, como mostram algumas reportagens de TV. É importante

ressaltar que deve-se promover debates e reflexões acerca da questão cultural, tanto em uma escala macro quanto na micro escala.

O questionamento acerca das origens de hábitos simples do nosso cotidiano, como formas de se vestir ou de se alimentar, podem servir de ponto de partida para se empreender uma análise relativizadora de práticas culturais verificadas em diferentes partes do mundo. Por que no Brasil o consumo de carne bovina é tão popularizado? Por que em países como Arábia Saudita e Coréia do Sul consome-se carne de cães? Por que na Índia o gado bovino é considerado um animal sagrado enquanto que no Brasil é visto apenas como um produto para ser comercializado ou consumido nas refeições? A adoção de uma pedagogia do questionamento é fundamental para ao enriquecimento das discussões acerca do binômio espaço / cultura. É a diversidade cultural do planeta que explica os questionamentos levantados anteriormente e a abordagem metodológica dessas questões deve ser norteada a partir de uma perspectiva relativizadora, respeitosa; o professor, portanto, deverá ter cuidado com a forma de se construir uma leitura do pluralismo cultural na contemporaneidade, evitando assim acepções etnocêntricas verificadas em expressões como o feio, o exótico, o esquisito, para adjetivar práticas, situações, ou mesmo povos.

O uso de e músicas no ensino de Geografia

A partir sobretudo dos anos 1990, alguns professores passaram a utilizar obras literárias e músicas no ensino de Geografia. Alguns docentes trabalham com trechos de os Sertões, um clássico da Literatura Brasileira escrito por Euclides da Cunha que, apesar do forte enfoque determinista e de não ser de fácil leitura para o ciclo básico, apresenta-se como uma rica e densa contribuição para as abordagens da esfera sócio-ambiental sob uma ótica geográfica.

Diante das múltiplas linguagens e realidades que envolvem os educandos na atualidade, é de fundamental importância o trabalho com recursos diversos no ambiente educativo, com vistas a tornar o espaço escolar interessante, instigante, questionador. Um desses recursos são as músicas que apresentam pessoas, lugares, situações que podem ser vividas / percebidas pelos alunos. A utilização de músicas no ensino da Geografia se constitui em uma prática de grande relevância, uma vez que nas letras

dessas músicas transitam os agentes que com suas ações constroem o arranjo espacial que o homem habita, seja na zona rural ou urbana, e é esse espaço animado pela sociedade que nele se encontra e atua, que chamamos de espaço geográfico, definido pelo Professor Milton Santos como conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistema de ações. Nas músicas, faz-se menções aos objetos e as várias ações antrópicas que os constituem e integra de forma sistêmica. A ação intencional do Homem cria os espaços do habitar em meio a um cenário conflitivo no qual se degrada o meio ambiente, mercantiliza-se a natureza e a cultura, segrega-se a maioria das pessoas determinando as mazelas sociais. As músicas descortinam questões / problemáticas da coletividade e do sujeito, assim como também apresentam as conquistas da humanidade como avanços tecnológicos, científicos e informacionais.

As músicas trabalhadas em sala, articuladas a assuntos abordados naquele bimestre, uma vez trabalhadas de forma crítica e com a ajuda de recursos auxiliares, podem representar uma importante contribuição à dinamização do ensino de Geografia. Uma música muito utilizada por professores do ciclo fundamental é planeta água (Guilherme Arantes). Nesta música pode-se trabalhar o ciclo da água e abrir uma discussão acerca da problemática da água no planeta, que pode levar a conflitos no futuro, citando-se o exemplo do território brasileiro que apresenta um enorme potencial hídrico progressivamente degradado pelo uso irracional e irresponsável. Como as músicas apresentam um caráter provocador e gerador, pode-se partir para outras temáticas com grande densidade política, como o polêmico projeto de transposição das águas do rio São Francisco. Na música Asa Branca, cantada por Luiz Gonzaga, um outro assunto polêmico: a seca no Nordeste brasileiro. Os docentes podem associar esta música a uma outra com maior conteúdo e densidade: A triste partida, letra de Patativa do Assaré e música de Luiz Gonzaga que apresenta a saga de um nordestino que, expulso pela seca, vende seu pedaço de terra e embarca para São Paulo com a família em um caminhão pau-de-arara para um vida de estranhamento, sofrimento, pobreza e saudade. Pode-se questionar: Depois de mais de meio século desde a publicação da música a triste partida, o que mudou na dinâmica migratória no espaço nordestino? Será que foi seca realmente que expulsou aquele retirante ou foram as péssimas condições sócio-econômicas e a estrutura fundiária injusta daquela porção do território brasileiro? Por que há lugares mais secos que o Sertão nordestino pelo mundo, mas que não

apresentam um índice de miserabilidade e desigualdade social tão grande? O professor de Geografia, juntamente com os professores de História, podem explorar as rupturas e permanências sócio-espaciais em mais de meio século de existência da música a triste partida. Pode-se utilizar uma outra música para ajudar no entendimento dos impactos do processo migratório – cidadão de José Geraldo e cantada por Zé Ramalho, que mostra um aspecto extremamente relevante da sociedade capitalista: o operário que vende a sua mão de obra para sobreviver e não se apropria daquilo que ele produz, a exemplo de *shoppings*, prédios, aeroportos e outras edificações. Há um trecho da música na qual um homem se queixa que não pode colocar a filha para estudar em uma determinada escola, esse é apenas um exemplo dentre muitos outros; apesar de vários pedreiros trabalharem meses ou anos na construção de um aeroporto, a baixa renda lhes impede de utilizar aeronaves nas suas viagens, mesmo aquelas longas como do Centro Sul para o Nordeste brasileiro. Ao trabalhar “a triste partida” juntamente com “cidadão” pode ter uma idéia mais completa do migrante, partindo-se dos múltiplos fatores que determinaram o seu deslocamento até os problemas atinentes a sua inserção no seu novo local de moradia. A religiosidade nordestina e a riqueza vernacular dos migrantes que expressa a diversidade da geografia lingüística brasileira podem ser pontos de partida para o trabalho do professor em sala de aula.

A música “planeta água” pode ser utilizada como ponto de partida para alguns questionamentos: Qual o significado da água para diferentes povos do planeta? Por que alguns rios são considerados sagrados para algumas religiões asiáticas? O Batismo de Cristo, por exemplo, sacralizou o rio Jordão. O rio Ganges é considerado sagrado para milhões de Hinduístas da Índia. A possibilidade de construção de barragens ou de desvio do curso natural de um rio sagrado não é uma questão meramente de levantamentos técnicos de impactos sócio-ambientais e de eventuais implicações na biodiversidade local. Tratar-se-á também de uma complexa questão sócio-cultural. Em relação às músicas a triste partida e cidadão deve-se salientar que quando um pequeno produtor vende sua terra no Sertão nordestino e migra para um metrópole como São Paulo, as suas perdas não serão tão somente materiais. A capital paulistana não será para este migrante um território de acolhida, será um território de estranhamento no qual aquele migrante não terá os laços afetivos construídos ao longo dos anos na sua terra de origem, nem seu espaço-tempo da ludicidade e da devoção religiosa como as rezas nas

casas dos amigos, a festa da padroeira, as novenas sazonais entre outras práticas do rico catolicismo popular brasileiro.

Na música “Parabolicamará” de Gilberto Gil pode-se partir da globalização como temática norteadora. Há um trecho na música que permite fazer-se correlações com a chamada compressão espaço-tempo enfatizada pelo geógrafo americano David Harvey: “Antes o mundo era pequeno porque terra era grande, hoje o mundo é muito grande porque terra é pequena (...)”. Antes o mundo era tão grande que era considerado não só centro do universo (teoria geocêntrica), como também infinito. Os avanços nos recursos tecnológicos configurando o que o geógrafo Milton Santos chamou de meio técnico-científico-informacional mostram que se por um lado o planeta terra é apenas um grão de areia na imensidão cósmica do universo, por outro, o mundo apresenta uma enorme diversidade de povos e cultura. A leitura da música “parabolicamará” permite um trânsito trans-escalar a partir da concepção de globalização. Pode-se questionar: Existe uma globalização da cultural? Pode-se partir do pensamento de M. Santos e se questionar: Para quem a compressão espaço-tempo é real? É importante enfatizar a problemática da exclusão digital e tecnológica.

É importante salientar que as músicas trabalhadas devem estar diretamente relacionadas aos assuntos abordados, o que é muito importante, uma vez que deve-se elencar critérios para seleção dessas músicas que não devem ser apresentadas apenas a partir de uma atmosfera de ludicidade. O trabalho com músicas deve ser devidamente emoldurado em temáticas geográficas importantes que ofereçam elementos para que construa a cidadania crítica, participativa, propositiva. Velhos e novos problemas, velhas e novas conquistas da humanidade transitam dialeticamente pelas letras das músicas, que se constituem assim um recurso extremamente importante para o estímulo, a discussão e ao questionamento reflexivo, não só no ensino de Geografia como em todo processo educacional, uma vez as músicas apresentam um caráter inter e transdisciplinar.

Outras formas de trabalho com a questão cultural no ensino de Geografia

A Bahia é um estado conhecido no contexto nacional e internacional pela sua rica diversidade cultural material e imaterial que representam elementos da cultura

indígena, européia e negra que deveriam ser mais utilizados nos espaços educacionais. Recentemente, os estabelecimentos de ensino da rede estadual da Bahia incluíram na sua matriz curricular a disciplina Cultura baiana. Não deixa de ser uma iniciativa interessante para se permitir uma maior visibilidade e valorização do patrimônio cultural do estado da Bahia do ponto de vista da materialidade (monumentos, cidades, centros históricos), como também das manifestações e práticas festivas que representam a imaterialidade que representam o capital simbólico. O problema a se questionar, no entanto, é saber se os professores estão preparados para ministrar esta disciplina, não apenas termos de conteúdo, mas de formação e de postura metodológica, porque como bem lembra Cavalcanti (2002) é preciso superar a visão de que para ser um bom professor basta dominar o conteúdo. Não se deve apresentar em salas apenas os produtos culturais artificializados e espetacularizados pela indústria cultural e se omitir os elementos das culturas populares provenientes das comunidades humildes do interior do estado. Será que uma disciplina isolada no currículo vai realmente solucionar o problema? A palavra isolada foi utilizada aqui de forma proposital uma vez que busca-se fazer uma crítica à disciplinaridade estanque na qual uma determinada matéria escolar procura ser um mundo dentro de si mesmo. O professor de Geografia, para fazer um trabalho produtivo utilizando os elementos e abordagens da vertente cultural da Ciência Geográfica, necessitará articular o seu trabalho ao de outros docentes de disciplinas, como Língua Portuguesa, Sociologia, História, Educação Artística, Literatura, Língua estrangeira, Filosofia dentre outras, porque a questão cultural, pela sua complexidade, exige uma abordagem interdisciplinar. A pedagogia de projetos seria um caminho interessante na medida que favorece o enfoque transdisciplinar e estimula a postura investigativa no aluno e no professor.

Na abordagem cultural pode-se fazer uma aproximação entre Geografia e História. Um caminho interessante seria uma pesquisa acerca da origem do nome das cidades e das ruas, assim como o significado dos monumentos para a memória coletiva, como destaca Corrêa (2005). Pode-se buscar entender de forma crítica o viés político-ideológico e o contexto sócio-cultural no qual foram concebidas e produzidas determinadas formas espaciais. Pode-se trabalhar com reportagens, postais e fotos para entender as paisagens dos lugares, uma vez que os conceitos de paisagem e lugar são

muitos relevantes para Geografia Cultural porque revelam através da configuração espacial a diversidade cultural dos povos.

Os jornais televisivos trazem ao interior das residências notícias diárias que enfocam os grandes conflitos religiosos da atualidade, como as disputas que envolvem a cidade de Jerusalém, considerada sagrada pelo Cristianismo, pelo Islamismo e pelo Judaísmo. Uma leitura da dinâmica espacial desses conflitos é muito importante não para que o ensino da Geografia ande a reboque da mídia, mas, sobretudo, porque não deve-se omiti-la em um contexto no qual os avanços nos recursos informacionais reforçam ainda mais a responsabilidade do professor de Geografia. Se uma criança ou um pré-adolescente, assistindo aos noticiários televisivos com os seus pais, começa a lhes explicar as razões histórico – geográficas, políticas, econômicas e culturais que explicam os conflitos do Oriente Médio, da Chechênia na Rússia, da Cachemira entre a Índia e o Paquistão, do povo Basco na Espanha, os conflitos entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte ou mesmo as guerras étnicas do continente africano e ressaltar que aprendeu a entender a dinâmica espacial das áreas conflitivas do planeta nas aulas de Geografia, certamente esta disciplina será muito mais valorizada. As pessoas entenderão que aquela Geografia tradicional, descritiva e mnemônica é coisa do passado. Os professores devem mostrar para os seus alunos a diversidade religiosa do planeta a partir de um enfoque pluralista evitando cartilhamentos religiosos ou doutrinamentos específicos.

O trabalho com manifestações culturais que retratam as especificidades locais é muito importante para a compreensão do conceito de cultura como uma construção cotidiana da qual toda coletividade participa, diferente portanto daquelas acepções tradicionais que a consideravam algo pairando sobre os indivíduos (concepção supra-orgânica de cultura). Segundo Claval:

O enfoque cultural se recusa a considerar a natureza, a sociedade, a cultura, o espaço como realidades prontas, dados que impõem aos homens como exterior. Julga que o mundo é mais complexo. Para mostrá-lo, parte dos indivíduos e se debruça nas suas experiências. O que lhe importa é compreender o sentido que as pessoas dão a sua existência. (CLAVAL, 2002, P. 37)

No que se refere a aspectos da cultura local, a Literatura de Cordel é um recurso relevante no sentido de apresentar aspectos da cultura local, muitas vezes de forma lúdica e irreverente, atraindo a atenção dos estudantes. A expressividade da cultura afro-brasileira, como a capoeira e as festas populares, são importantes manifestações culturais, no entanto são pouco trabalhadas. Uma atividade envolvendo as práticas culturais anteriormente arroladas seria o levantamento de questionamentos acerca da inserção destas manifestações na área urbana. Quais os espaços da capoeira? Qual o papel dos principais agentes sócio-espaciais participantes das principais festas populares de cidade? Pode-se procurar entender a dinâmica espacial das festas populares no espaço intra-urbano ao longo do tempo: Sua área de deflagração aumentou ou diminuiu? A área de concentração festiva mudou de lugar? E se mudou, por que mudou? Quais os impactos destas manifestações populares no espaço urbano? Os donos de blocos, por exemplo, se apropriam transitoriamente dos espaços públicos no carnaval de Salvador criando territórios móveis, vigiados e delimitados por cordas que expressam desigualdade social através da segregação. Estudar portanto aspectos das manifestações festivas pode ser um meio de entender em uma perspectiva crítica, aspectos das nossas mazelas sociais. Engana-se portanto quem afirma que quem opta pelo estudo e pela pesquisa das abordagens da Geografia cultural é alienado ou despolitizado. Pode-se tranquilamente trabalhar o viés cultural sem alijar-se os aspectos políticos econômicos e culturais. Incluir os aspectos políticos e econômicos nas leituras culturais do espaço geográfico é uma obrigação em um mundo no qual aumenta-se progressivamente o processo de espetacularização e mercantilização da cultura, tanto por parte de grupos privados quanto por iniciativa do Estado em busca da turistificação dos lugares.

Os cemitérios também podem se constituir em um local interessante para a leitura do geógrafo cultural. O arranjo espacial dos cemitérios das pequenas cidades do interior é um demonstrativo das disparidades sociais do Brasil. As sepulturas discretas com uma pequena cruz de cabeceira de um lado e os túmulos luxuosos das pessoas “importantes” da cidade do outro, apenas comprovam que a segregação social adentra as necrópoles. Existem consideráveis diferenças culturais entre o velório de um muçulmano, de um hindu e de um cristão, no entanto, mesmo entre cristãos no Brasil as diferenças podem ser percebidas quando se compara pequenas cidades com grandes centros metropolitanos. Nos municípios do interior da Bahia, o velório ocorre no espaço

familiar; coloca-se a urna funerária na sala principal e aguarda-se a chegada de familiares e amigos para posteriormente organizar o cortejo fúnebre pelas ruas da cidade até o cemitério. No enterro pode-se observar uma distinção espacial e de gênero: apenas os homens se alternam carregando o caixão. Esses homens deslocam-se na frente das mulheres que carregam flores e cantam. Essa prática cultural antiga ainda se mantém na atualidade. Já nas grandes cidades o velório ocorre nas capelas dos cemitérios. Além disso, em cemitérios mais novos, nota-se padronização de sepulturas, arborização, painel eletrônico, esculturas, carrinhos para se transportar o caixão, entre outras novidades que evidenciam que as grandes cidades estão sempre à frente das pequenas no que concerne à difusão e recepção das inovações. Entretanto, as diferenças não devem ser explicadas tão somente a partir do viés econômico. Há diferenças sócio-culturais importantes entre os velórios de pequenas cidades do interior e de grandes centros urbanos que podem ser pesquisados e entendidos através das abordagens da Geografia Cultural.

Nas séries iniciais do ensino Fundamental, deve-se estimular o trabalho com mapas mentais e com formas de representação espaciais básicas a partir do trabalho com desenhos nos quais procura-se esboçar o itinerário casa-escola; a morfologia do bairro, da rua no qual o discente reside, da escola. Um trabalho de leitura e análise das paisagens em quadros e pinturas aplicado com os professores de Geografia, Educação Artística e História pode ser interessante. Apesar de não ser muito valorizada, a cartografia do imaginário ou onírica, na qual pode-se desenhar a cidade ideal, a casa dos meus sonhos, a rua que desejava morar, é um caminho rico para a alfabetização cartográfica. Como pontua o geógrafo Yi-Fu-Tuan, toda vez que as pessoas imaginam o que está do outro lado da montanha se produz geografia míticas, por isso, a dimensão do utópico deve ser respeitada na medida que se possa estimular esses alunos a serem cidadãos capazes não só de sonhar como de apresentar proposições para construção de um mundo melhor.

Reflexões finais

O desconhecimento dos potenciais da Geografia cultural faz com que muitos professores de Geografia desconsiderem a sua importância na sua prática pedagógica no

ensino básico. Um exemplo a ser citado são as festas populares que podem ser pesquisadas e analisadas sob uma ótica espacial. Nas festas, pode-se desvelar aspectos importantes das nossas mazelas sociais, como a segregação sócio-espacial explícita no carnaval de Salvador entre quem está dentro e quem está fora das cordas. Mais recentemente as paradas *gay* em cidades como São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro tem se constituído em um importante espetáculo, não só de diversão mas sobretudo de reivindicação dos direitos dos homossexuais que lutam contra os preconceitos. Nesses eventos festivos citados, nota-se que as pessoas utilizam o espaço público durante o tempo festivo para dar maior visibilidade as suas reivindicações. O carnaval de Salvador e a parada *gay* em várias cidades do Brasil, são manifestações culturais distintas, porém eivadas de prazer e diversão intercalados com questionamentos e reivindicações. Com base na observação dessas festividades, como estimular os alunos do ensino Fundamental e Médio a leitura de aspectos culturais e o sócio-políticos na tessitura complexa do espaço urbano? Essa é a tarefa do professor.

A postura do professor de Geografia diante das múltiplas possibilidades da Geografia Cultural nos espaços educacionais ainda é muito tímida e pouco consistente. As abordagens da Geografia Cultural até que despertam interesse de muitos professores que procuram incluí-las aos poucos na sua prática pedagógica, porém a falta de uma orientação mais consistente acerca das potencialidades da vertente cultural da Geografia é um aspecto real a se destacar. O interesse pelo enfoque cultural associado ao político e ao sócio- econômico na leitura do espaço geográfico, inegavelmente, constitui-se em um passo importante no sentido de se apresentar outras lentes para a construção de novas acepções acerca da construção da cidadania cultural.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia.** – Brasília: MEC / SEF, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** – Goiânia: Alternativa, 2002.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F. e KOZEL, S. (Orgs.) **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. – Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. P. 11 – 43.

_____. o PAPEL DA NOVA Geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, R. Lobato e ROSENDAHL, Z. **Matrizes da Geografia Cultural**. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35 – 86.

_____. **A Geografia cultural**; tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CORRÊA, R. Lobato. Monumentos, política e espaço. In: CORRÊA, R. Lobato. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2005. P. 9 – 42.

_____.A Geografia Cultural e o urbano. In: CORRÊA, R. Lobato. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2003. P. 167 – 186.

CORRÊA, R. Lobato e ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, R. Lobato. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2003. P.9 – 18.

DUNCAN, James. S. O supra-orgânico na Geografia Cultural americana. In: CORRÊA, R. Lobato. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2003. P. 167 – 186.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo, Loiola, 1992.

TUAN, YI – Fu. **Espaço e lugar**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo, DIFEL, 1983.

Recebido para publicação em setembro de 2008

Aprovado para publicação em novembro de 2008